

**Mercados alimentares digitais em sistemas agroalimentares localizados:
potencialidades para os circuitos curtos de comercialização na agroecologia**
*Digital food markets in localized agrifood systems: potential for short marketing
circuits in Agroecology*

BRUNETTO, Franciele Cristina¹ PEREIRA, Viviane Camejo²

¹ Universidade Federal do Paraná, franciele.cbl@gmail.com; ² Universidade Federal do Paraná,
vivianecamejop@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: O estudo apresenta elementos para a discussão sobre a interlocução entre os mercados alimentares digitais, os circuitos curtos de comercialização e o território a partir dos sistemas agroalimentares localizados e da Agroecologia. O tema ganhou força com a pandemia da Covid-19 devido às restrições na comercialização direta que provocaram ajustes na relação entre agricultores e consumidores e o fortalecimento dos mercados alimentares digitais. A metodologia envolveu a pesquisa bibliográfica sobre o tema em base de dados científicos com uso de palavras-chave. Argumenta-se que no âmbito da Agroecologia, os circuitos curtos de comercialização fomentados pelos mercados alimentares digitais precisam estar conectados a sistemas agroalimentares localizados.

Palavras-chave: comercialização direta; agricultura familiar; pandemia; mercados alternativos.

Introdução

Os mercados digitais eclodiram durante o período da pandemia da Covid-19, como forma de manter a renda dos agricultores familiares durante o período de restrições no âmbito das medidas sanitárias adotadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020). Dentre estas medidas estavam o cancelamento das feiras livres, fechamento de restaurantes, encerramento das aulas presenciais e consequente mudança na demanda de alimentos atrelados ao PNAE, dentre outras alterações no âmbito dos mercados institucionais que reduziram a renda dos agricultores familiares (VALADARES, *et. al.*, 2020). Este cenário fez com que as relações sociais e comerciais ganhassem aspecto de distanciamento (VATTATHARA, *et. al.*, 2021).

As restrições quanto ao contato direto entre as pessoas restringiram os circuitos curtos de comercialização, que antes eram realizados a partir da relação direta entre agricultores e consumidores. Esses circuitos continuaram a partir do que Niederle, Schneider e Cassol (2021) chamaram de mercados alimentares digitais. Neste contexto, cresceu a valorização de produtos *in natura* que segundo Gazolla e Aquino (2021) junto com os produtos ecológicos e agroindustriais são uma das principais características desses canais de comercialização. De acordo com Preiss



et. al. (2022) o início da pandemia trouxe uma nova realidade que se apresentou com características de reestruturação da sociedade.

Dentro dessas novas perspectivas, a dificuldade de comercialização de produtos de Agricultores Familiares dentro dos circuitos curtos, foi uma das principais fragilidades enfrentadas por essa categoria. Sendo assim, apesar da possibilidade de continuar a comercialização, o contexto pandêmico evidenciou a vulnerabilidade dos agricultores familiares dentro da prática de venda direta, principalmente no que tange aos alimentos perecíveis, o que influenciou na busca de saídas para o enfrentamento dessa crise (FAO, 2020). Vattathara *et. al.* (2021, p. 96) atentam para o fato de que: “Por outro lado, a exposição dessas fragilidades representou, também, uma oportunidade para impulsionar mudanças na forma de comercialização dos alimentos”. As plataformas digitais como apoio na modalidade de comercialização em circuitos curtos geraram a expectativa de inclusão para os agricultores.

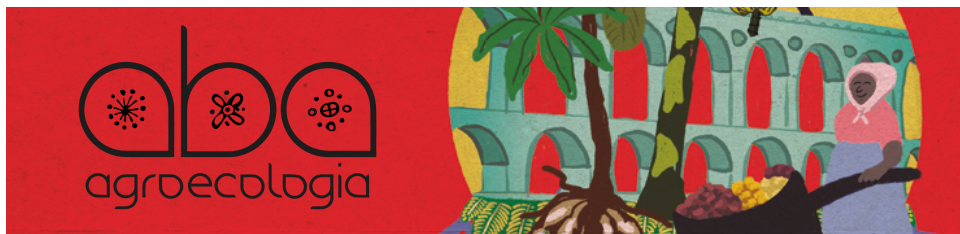
Argumenta-se que no âmbito do fortalecimento da Agroecologia, os mercados alimentares digitais precisam estar conectados ao território, em processos de comercialização direta no âmbito do que Ambrosini, Filippi, Miguel (2008) tratou como sistemas agroalimentares localizados (SIALs). O objetivo deste trabalho é apresentar elementos que contribuam para a discussão sobre a interlocução entre os mercados alimentares digitais, os circuitos curtos de comercialização e o território a partir dos sistemas alimentares localizados e a agroecologia.

Metodologia

A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica no Google acadêmico e Scielo, selecionado artigos de estudos recentes sobre os mercados alimentares digitais. Para a busca foram utilizadas palavras-chave “mercados alimentares digitais”, “sistemas alimentares localizados” “circuitos curtos de comercialização”. Como recorte temporal foram utilizadas publicações de 2020-2023 com caracterização do possível aumento dos mercados alimentares digitais devido a pandemia do Covid-19. Por fim, para correlacionar o território e a relação com a sistemas agroalimentares foram realizadas buscas em sites de instituições que tratam da cultura alimentar local e da regionalidade.

Os circuitos curtos de comercialização a partir dos mercados alimentares digitais nos sistemas agroalimentares localizados (SIALs) e a Agroecologia

A comercialização direta objetiva a reconstrução das relações sociais entre agricultores e consumidores, conectando-os, com maior transparência sobre a origem e procedência dos alimentos (CUNHA; SCHNEIDER, 2021) proporcionando ao consumidor, principalmente o urbano, outra relação com o alimento. As articulações entre agricultores familiares e consumidores no âmbito da comercialização direta, podem contribuir para a sustentabilidade e como resposta às dificuldades impostas pelo processo de globalização (SOLER MONTIEL; CALLE



COLLADO, 2010). No Brasil, a comercialização de alimentos produzidos sob o modelo de base ecológica (Agroecologia) tem se dado em circuitos curtos como feiras e programas governamentais, venda direta na propriedade dos agricultores, restaurantes, lojas voltadas a este segmento, cooperativas de consumidores e cestas entregues no domicílio (DAROLT, 2013). Este último bastante relacionado às vendas pela internet configurando o que tem sido tratado como mercados alimentares digitais, ou seja “[...] plataformas virtuais nas quais são ofertados e/ou demandados alimentos [...]” (NIERDELE *et al.*, 2021).

Os circuitos curtos de comercialização trazem além da prática de produção e venda em um determinado território, a valorização da socioeconomia, dos saberes locais e do consumo crítico. De acordo com Schneider (2021, p. 15) “Os circuitos curtos de comercialização conseguem reconstruir a identidade entre o alimento, a sociedade e o território”, ou seja, esta prática se desenvolve como caminhos para um sistema territorial que respeite a identidade local. Dentro dos sistemas agroalimentares localizados (SIALs) os canais curtos de comercialização desempenham o papel de provedor da valorização da manutenção da cultura e das práticas ligadas à sustentabilidade. A abordagem dos sistemas alimentares localizados são formas de orientar os mercados alimentares digitais para o território fortalecendo a Agroecologia.

Ao contextualizar os circuitos curtos de comercialização Ambrosini, Filippi, Miguel (2008) delimitam que estes fazem parte dos sistemas agroalimentares localizados (SIALs) que são definidos como vínculos de consumo e de proximidade entre os recursos naturais e o meio ambiente. Os SIALs nascem da perspectiva de interação entre atividades agrícolas e dinâmicas econômicas e sociais que fortaleçam os produtos do território. Destacam Ambrosini, Filippi, Miguel (2008, p.01) que estes sistemas são [...] “a opção pelo território como chave para a compreensão de dinâmicas econômicas, mas, também, sociais”. Ou seja, essa transversalidade das formas de produção, a relação com o meio em que se vive e a valorização dos alimentos locais. Para Walter e Wilkinson (2011), o SIAL objetiva a compreensão dos fluxos envolvidos na cadeia produtiva do território. Isso envolve o âmbito teórico como “compreender em que medida o território constitui um elemento significativo ou não para a organização e a dinâmica da cadeia estudada” e também a sua operacionalização (WALTER; WILKINSON, 2011, p. 27).

A globalização possibilitou a comercialização de produtos locais com o mundo inteiro. Um exemplo é o açaí (*Euterpe oleracea* Mart.), alimento tradicional que faz parte da cultura alimentar do Pará e que hoje é vendido em vários países. Nos últimos dez anos a exportação do açaí subiu 15.000% (ABRAFRUTAS, 2021). Apesar da conexão com o mundo, verifica-se que o preço do açaí para o paraense ficou tão alto que pode até prejudicar o consumo das famílias. Por outro lado, no que diz respeito a juçara (*Euterpe edulis* Mart.) parece haver um processo de fomento da cadeia produtiva na região sul do Brasil, criando possibilidades de plantio (como em agroflorestas), de beneficiamento, formas de comercialização e a procura do produto pelos consumidores. A inclusão da juçara na alimentação escolar como no caso do município de Três Cachoeiras, RS (GONÇALVES *et al.*, 2011), ou a organização para



a produção, processamento e distribuição de alimentos produzidos com frutas nativas como no caso da Cadeia Solidária de Frutas Nativas no RS, são formas potenciais de estimular cadeias produtivas de base territorial e a Agroecologia.

Do ponto de vista produtivo os mercados alimentares digitais ganham em aspectos como a construção de mercados e expansão da produção e comercialização, potencializando a inclusão de agricultores que sem essa possibilidade teriam dificuldade para escoar sua produção. Apesar do distanciamento físico dos mercados alimentares digitais, há a possibilidade de que estes mercados venham acompanhados de um trabalho de fortalecimento da Agroecologia com visitas periódicas aos agricultores com o estabelecimento de relações de reciprocidade e confiança.

Essa nova realidade da digitalização de vendas digitais de produtos in natura ainda é uma dinâmica em construção visto que fortalece a comercialização, porém, não exclui a necessidade de buscar “[...] mecanismos de interação, como forma de auxiliar no processo de construção de confiança e na sensação de uma “presença social” [...]” (PREISS *et al.*, 2021, p. 87). Do ponto de vista produtivo ganha-se em aspectos como na construção de mercados e expansão da produção e comercialização, potencializando a inclusão de agricultores que sem essa possibilidade teriam dificuldade para escoar sua produção. Porém, as relações pela internet por trás de computadores e smartphones provavelmente não cumprem o papel que o olho a olho cumpre, por exemplo, nas feiras livres. Há de se considerar o impacto que os mercados alimentares digitais ainda terão futuramente nas relações sociais entre agricultores e consumidores.

Conclusões

O trabalho apresenta elementos para a discussão sobre a interlocução entre os mercados alimentares digitais, os circuitos curtos de comercialização e o território a partir dos sistemas agroalimentares localizados e da Agroecologia. A análise partiu do ponto de vista teórico sobre os circuitos curtos de comercialização nos mercados alimentares digitais e a integração destes mercados na perspectiva dos sistemas alimentares localizados. Para Gazzolla e Aquino (2021) o uso das tecnologias nas formas de comercialização local ainda não são possíveis de serem definidas em seus aspectos de inclusão ou exclusão propriamente ditas. Cabe ressaltar que ainda é um processo que apesar de acelerado durante a pandemia e que resultou em aproximadamente 9.000 mil famílias em 2020 que participaram de algum canal de comercialização digital, ainda precisa ser repensado e inclusivo por meio da extensão rural e políticas públicas de inclusão digital. Segundo Favareto (2021) o crescimento dos mercados alimentares digitais no período pandêmico, fez com que os pequenos produtores rurais que utilizam canais curtos de comercialização precisassem se adaptar para o enfrentamento dessa nova realidade. Essa conclusão orienta para que sejam realizados estudos que analisem estes canais no contexto dos mercados alimentares digitais, verificando as potencialidades, gargalos e possíveis consequências destes mercados, principalmente quando se trata do enraizamento no território.



Referências bibliográficas

ABRAFRUTAS. **Exportação de açaí cresce quase 15.000% em dez anos.** On-line. Publicado em 2021.

<https://abrafrutas.org/2021/05/exportacao-de-acai-cresce-quase-15-000-em-dez-anos/>

Acesso em: 22 jun. 2023.

AMBROSINI, L. B.; FILIPPI, E. E.; MIGUEL, L. de A. SIAL: análise da produção agroalimentar a partir de um aporte territorialista e multidisciplinar. **Revista IDeAS**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 2008.

CUNHA, J. I. C. da; SCHNEIDER, S. TICs, digitalização e comercialização em rede: o caso da rede Xique-Xique/RN. *In*: NIEDERLE, P; SCHNEIDER, S; CASSOL, A. (Org.). **Mercados alimentares digitais: inclusão produtiva, cooperativismo e políticas públicas.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2021. 382 p.

DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores. *In*: NIEDERLE, P. A.; ALMEIDA, L. de; VEZZANI, F. M. (Org.). **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura.** Curitiba: Kairós, 2013.

FAO – Food and Agriculture Organization of the United Nations. **La COVID-19 y el acceso de los pequeños productores a los mercados.** Roma: FAO, 2020. Disponível em:

<https://www.fao.org/3/ca8657es/ca8657es.pdf> Acesso em: 27 jun. 2023.

FAVARETO, A. Prefácio. *In*: NIEDERLE, P.; SCHNEIDER, S.; CASSOL, A. (Org.). *In*: **Mercados alimentares digitais: inclusão produtiva, cooperativismo e políticas públicas.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2021. 382 p.

GAZOLLA, M; AQUINO, J. R. Reinvenção dos mercados da agricultura familiar no Brasil: a novidade dos sites e plataformas digitais de comercialização em tempos de Covid-19. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, 2021.

GONÇALVES, A. L. R.; GALERIANO, D. de P.; MENDES, S. M. F.; NASCIMENTO, S. B. **Inclusão da Polpa do Açaí de Juçara (*Euterpe edulis* Martius) na Alimentação Escolar do Município de Três Cachoeiras/RS.** Disponível em:

https://www.centroecologico.org.br/artigo_download.php?id_artigo=36&tipo=pdf Acesso em: 22 jun. 2023.

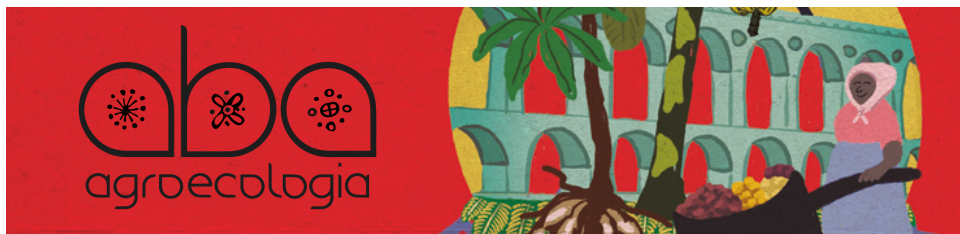
OMS - Organização Mundial de Saúde. Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS).

Folha Informativa COVID 19, 2020

<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> Acesso em: 9 jun. 2023.

PREISS, P. V.; PINTO, G. P. DA; DEPONTI, C. M.; DEGGERONE, A. Z. Impacto da covid-19 na comercialização de alimentos da agricultura familiar no Rio Grande do Sul, Brasil. **EUTOPIÁ** - Revista de Desarrollo Económico Territorial, Quito, n. 21, 2022.

PREISS, P. V.; SALAPATA, J.; TANARA, L.; MOMBACH, A. O consumo justo, solidário e sustentável no mundo digital: a experiência da Cooperativa GiraSol. *In*: NIEDERLE, P.;



SCHNEIDER, S.; CASSOL, A. (Org). *In: Mercados alimentares digitais: inclusão produtiva, cooperativismo e políticas públicas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2021. 382 p.

SCHNEIDER, S. Circuitos que apontam caminhos para sistemas alimentares mais sustentáveis e inclusivos. *In: DAROLT, M. R.; ROVER, O. J. (Org.). Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social*. Florianópolis: Estúdio Semprelo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229738> Acesso em: 27 jun. 2023.

SOLER MONTIEL, M.; CALLE COLLADO, Á. Rearticulando desde la alimentación: canales cortos de comercialización en Andalucía. *In: FERNÁNDEZ-BACA CASARES, R.; SOLER MONTIEL, M.; GUERRERO QUINTERO, C. Patrimonio cultural en la nueva ruralidad andaluza*. Junta de Andalucía, Consejería de Cultura. 2010. <https://institucional.us.es/compromiso/libreconf/docs/canales.pdf> Acesso em: 22 jun. 2023.

VALADARES, A. A.; ALVES, F.; GALIZA, M.; SILVA, S. P. **Agricultura familiar e abastecimento alimentar no contexto do covid-19**: uma abordagem das ações públicas emergenciais. IPEA. Diretoria de Estudos e Políticas Sociais. Nota técnica n. 69. 2020. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9996/1/NT_69_Disoc_Agricultura%20familiar%20e%20abastecimento.pdf Acesso em: 22 jun. 2023.

VATTATHARA, S., D.; DEGGERONE, A.; TONIN, J.; LIBERALESSO, E.; SILVA, J. da. Agricultura familiar e plataformas digitais de comercialização: a experiência da Alimento de Origem. *In: NIEDERLE, P.; SCHNEIDER, S.; CASSOL, A. (Org). In: Mercados alimentares digitais: inclusão produtiva, cooperativismo e políticas públicas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2021. 382 p.

WALTER, T; WILKINSON, J. Fortalecimento da cadeia produtiva da pesca artesanal no Baixo Sul baiano. **Revista Agriculturas**: experiências em agroecologia, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, 2011.